

A FALTA QUE A CIDADE FAZ: ANÁLISE DE QUAIS ESPAÇOS URBANOS SENTIMOS FALTA DURANTE A QUARENTENA¹

THE LACK OF THE CITY: ANALYSIS OF WHICH URBAN SPACES WE MISS DURING QUARANTINE

ANNA LAURA BITTENCOURT TALARICO, GIOVANNA RODRIGUES MESSIAS, GLAUCO DE PAULA COCOZZA

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados e análises de uma pesquisa que busca compreender como, em tempos de isolamento social, a população está se relacionando com o espaço urbano das cidades onde residem. A pesquisa visa compreender de quais espaços urbanos as pessoas mais sentem falta nesse momento de pandemia e qual a sua interação com os espaços que ainda podem ser utilizados durante esse período, investigando a nova relação criada entre a população, espaço de moradia e o espaço urbano à sua volta. A pesquisa teve como público alvo principal a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia e, para obter os dados necessários para a análise, um questionário online e anônimo foi aplicado através da plataforma Google Forms e as respostas foram usadas para realizar uma sistematização de dados e criar hipóteses e conclusões do estudo. Buscou-se compreender quais os impactos que a pandemia trouxe para a comunidade em relação aos espaços urbanos, além de contribuir com estudos acadêmicos futuros, sendo este um gerador de informação e conhecimento que pode ser utilizado posteriormente para outras análises e reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Isolamento Social. Espaço Urbano.

ABSTRACT

This article presents the results and analyzes of a research that searches to understand how, in times of social isolation, the population is dealing with the urban space of the cities where they live. The research aims to understand which urban spaces people miss the most in this time of pandemic and what their relationship is with the spaces that can still be used during this period, investigating the new relationship created between the population, their living space and the urban space around it. The research had the Academic Community of the Federal University of Uberlândia as its main target audience, and to obtain the necessary data for the analysis, an online and anonymous questionnaire was applied through the Google Forms platform: the answers were used to systematize the data and to create hypotheses and conclusions for the study. It was sought to understand what impacts the pandemic brought to the community regarding urban spaces, in addition to contributing to future academic studies, this being a generator of information and knowledge that can be used later for other analyzes and reflections.

KEYWORDS: Pandemic. Social isolation. Urban Space.

INTRODUÇÃO

A PANDEMIA ESTÁ sendo um marco importante para a sociedade contemporânea mundial. Todos se lembrarão de 2020 como o ano em que o modo de viver foi alterado drasticamente, mais para algumas pessoas do que para outras; porém as feridas abertas pela pandemia demorarão a cicatrizar. De um dia para o outro foi necessário desmontar todo um cotidiano organizado, com liberdade para ir e vir, como idas ao trabalho, à escola, ao mercado, aos espaços de lazer. Foi preciso aprender forçadamente uma nova realidade, freando os contatos pessoais e o uso da cidade, principalmente dos espaços públicos, um dos mais atingidos inicialmente. Imagens de ruas vazias chocaram e levaram à reflexão sobre a importância delas para uma sociedade cada vez mais conectada virtualmente. Este artigo lança a hipótese de que a reclusão em casa causada pela pandemia fez surgir novas relações afetivas com a cidade e com seus espaços, e que quando sentem falta do encontro, as pessoas sentem falta dos espaços que propiciam esses encontros: os espaços públicos das cidades.

Considerando que os espaços públicos são parte integrante das dimensões da vida urbana e da formação do processo de urbanização, pode-se afirmar que eles são cenários onde as pessoas se tornam, de fato, cidadãos ativos ao ocupá-los para lazer, trabalho, expressão artística e sociabilidade. Esses espaços são, portanto, vitais para a movimentação e evolução de uma cidade, sendo o ambiente em que cada indivíduo pode exercer a sua cidadania e seu direito à cidade de forma única.

Arango e Salmona (2000, p. 150) trazem em sua obra a sua definição de cidade e a relação direta que ela tem com o espaço público ao afirmar que:

A cidade é o lugar de convivência, tolerância e socialização e, portanto, o lugar de criação de cultura. Nesse sentido, o próprio urbano não consiste na aglomeração de edifícios, mas nos espaços que se encontram entre os edifícios: os edifícios são privados e o que é realmente público são os espaços abertos (ARANGO; SALMONA, 2000, p. 150).

Os autores evidenciam que a cidade é feita pelo espaço público e que isso é o que define fundamentalmente o urbano. Além disso, trazem à tona a relevância e necessidade dos ambientes que proporcionam interação entre os indivíduos mesmo que de maneira indireta, os quais são denominados pelos autores de espaços coletivos de socialização.

Os mencionados autores reforçam no mesmo texto que “[...] o espaço público é uma constante nas cidades através do tempo, não é um produto anônimo, é um resultado de processos históricos, gestado, pensado e desenhado por pessoas, concebidos simultaneamente com a arquitetura” (ARANGO; SALMONA, 2000, p. 150).

Outros autores trazem em suas obras definições do espaço público mantendo a ideia de um ambiente não excludente, de livre acesso a todos e que

promove a sociabilização e o bem-estar da sociedade. Para eles, os espaços públicos podem ser definidos como: “Territórios coletivos onde as pessoas prosseguem as atividades funcionais e rituais que unem uma sociedade, quer nas rotinas da vida quotidiana, quer em eventos cíclicos ou pontuais” (CARR et al., 1992, p. xi).

Em suma, pode-se afirmar que é apenas a partir da ocupação e uso dos espaços públicos que diversas atividades do cotidiano são possibilitadas, desde a realização de tarefas básicas como ir ao supermercado, até a confraternização e socialização entre os indivíduos. Esses são os parâmetros nos quais a população está moldada, o formato que é conhecido e no qual se aprende a viver como sociedade.

Cidades e epidemias apresentam uma conexão histórica. Diferentes planos urbanos tiveram a saúde como norteadora para suas propostas, redesenhando muitos espaços tais quais são conhecidos atualmente. Em uma época em que se acreditava que as doenças eram contraídas pelo ar, diversas cidades adotaram medidas higienistas de espraçamento, alargamento das ruas, criação de áreas verdes e melhoria nas condições sanitárias e habitacionais. Os espaços públicos ganharam importância vital nessa relação, costurando uma primeira ideia de uma cidade mais sã e bela.

O início da pandemia do novo coronavírus, no entanto, trouxe consigo questionamentos sobre os modelos atuais das cidades ao elencar como predominantes e prioritárias práticas como os hábitos de higiene recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e o isolamento e distanciamento social, principalmente em lugares fechados e aglomerados, devido ao alto risco de contágio entre as pessoas. Sendo assim, a sociedade está agora exposta a uma forma de viver antes desconhecida e que alterou de forma significativa as experiências cotidianas e, portanto, modificou a visão dos indivíduos sobre suas casas e cidades, assim como a forma como cada um se relaciona com ela e com os espaços públicos ali presentes.

As práticas e atividades antes consideradas básicas e simples, como ir à farmácia e ao supermercado, passaram a ser um risco à saúde pública, e agora são realizadas pela população com todo o cuidado necessário e atenção redobrada. Outras atividades, como os encontros com amigos e conhecidos, reuniões e grandes apresentações, foram deixando de acontecer conforme a gravidade da pandemia aumentava.

Seja tomado em suas potencialidades, seja apreendido por sua face crítica, é o sentido e o fundamento da vida urbana que são postos em questão diante das medidas sanitárias que impõem o distanciamento físico e a separação dos corpos. Nesse contexto, forma urbana e profilaxia social entram em conflito (SIMONI, 2020, p. 26).

Jan Gehl ressalta em sua obra “*Life Between Buildings*” (GEHL, 2011) a existência de três categorias de atividades realizadas no espaço público:

atividades necessárias, atividades opcionais e atividades sociais. Partindo dessa nomenclatura, podem-se ser identificadas como atividades necessárias todas aquelas que abrangem obrigações independentes do ambiente e que satisfazem necessidades estritamente funcionais como, por exemplo, comprar alimentos, pegar o ônibus, ir ao trabalho ou escola, entre outros. As atividades opcionais satisfazem necessidades específicas de alguns setores da sociedade e normalmente ocorrem apenas em condições ideais, dependendo diretamente das condições físicas exteriores, como ir a hotéis, galerias, museus e bibliotecas. As atividades sociais, por fim, agregam no convívio informal da comunidade e dependem da presença simultânea de várias pessoas no mesmo espaço. Consistem em cinemas e teatros, bares e restaurantes, associações culturais, entre outros.

Analisando as categorias referenciadas por Gehl (2011) no contexto dessa pandemia e do isolamento social, fica evidente a quantidade de atividades que foram restringidas neste momento, sendo recomendado realizar apenas as “atividades necessárias” e só quando for possível realizá-las dentro de casa. Esse novo paradigma imposto traz à tona reflexões sobre o quanto esse distanciamento afetou a relação dos indivíduos com a cidade e com o bairro em que vivem.

Tomando essa nova realidade como base, o estudo em questão objetiva compreender de quais locais da cidade as pessoas estão sentindo mais falta neste momento de isolamento e como estão se relacionando com os espaços públicos que podem ser utilizados durante a pandemia, tomando como foco para a análise a comunidade acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia, que até o final de 2020 continuava realizando suas atividades a distância. A importância da pesquisa mostra-se quando é analisado não somente o cenário pós-pandemia, mas também o momento atual. As mudanças em relação ao espaço público mostram-se dia após dia e é de extrema relevância analisar a forma como a interação da sociedade com a cidade se alterou, estabelecendo assim novas relações e sentimentos para com o espaço urbano e promovendo mudanças na vida cotidiana que podem se perpetuar futuramente.

Esta pesquisa possibilitou a compreensão sobre quais espaços públicos apresentam maior e menor relevância para a população, revelando quais os locais que fazem mais ou menos falta em seu cotidiano e relacionando essas informações com fatores como o bairro em que reside, a faixa etária e a configuração familiar. Dessa forma, foi possível traçar um mapeamento dos comportamentos, hábitos e possíveis novas formas de utilização da cidade de Uberlândia (MG) por sua população.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada foi fundamentada nos pressupostos da pesquisa descritiva, buscando registrar, analisar e interpretar a situação estudada por meio de um questionário elaborado pela equipe. O questionário, que contava

com perguntas de múltipla escolha e dissertativas, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (sob o parecer de nº4.207.285, 11 de agosto de 2020 e CAAE 34293520.6.0000.5152) e aplicado de forma remota e anônima por meio da plataforma *Google Forms* na comunidade acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

A divulgação do questionário ocorreu através do portal de notícias “Comunica UFU” e do envio de *e-mails* para todas as coordenações e direções de cursos da Universidade, além do contato com centros e diretórios acadêmicos. O questionário ficou aberto para respostas durante 23 dias (entre 29 de agosto e 20 de setembro de 2020). Ao final, foram obtidas 127 respostas, valor correspondente a 25% da participação esperada pelo plano de investigação, mas que apresentaram um substancial retrato da pergunta principal colocada pela pesquisa.

Após a divulgação e aplicação do questionário foi realizada uma sistematização dos dados, que foram transformados em gráficos e nuvens de palavras para que fosse viável identificar os padrões de resposta. A partir dessa sistematização, foi possível analisar os dados e chegar a algumas conclusões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

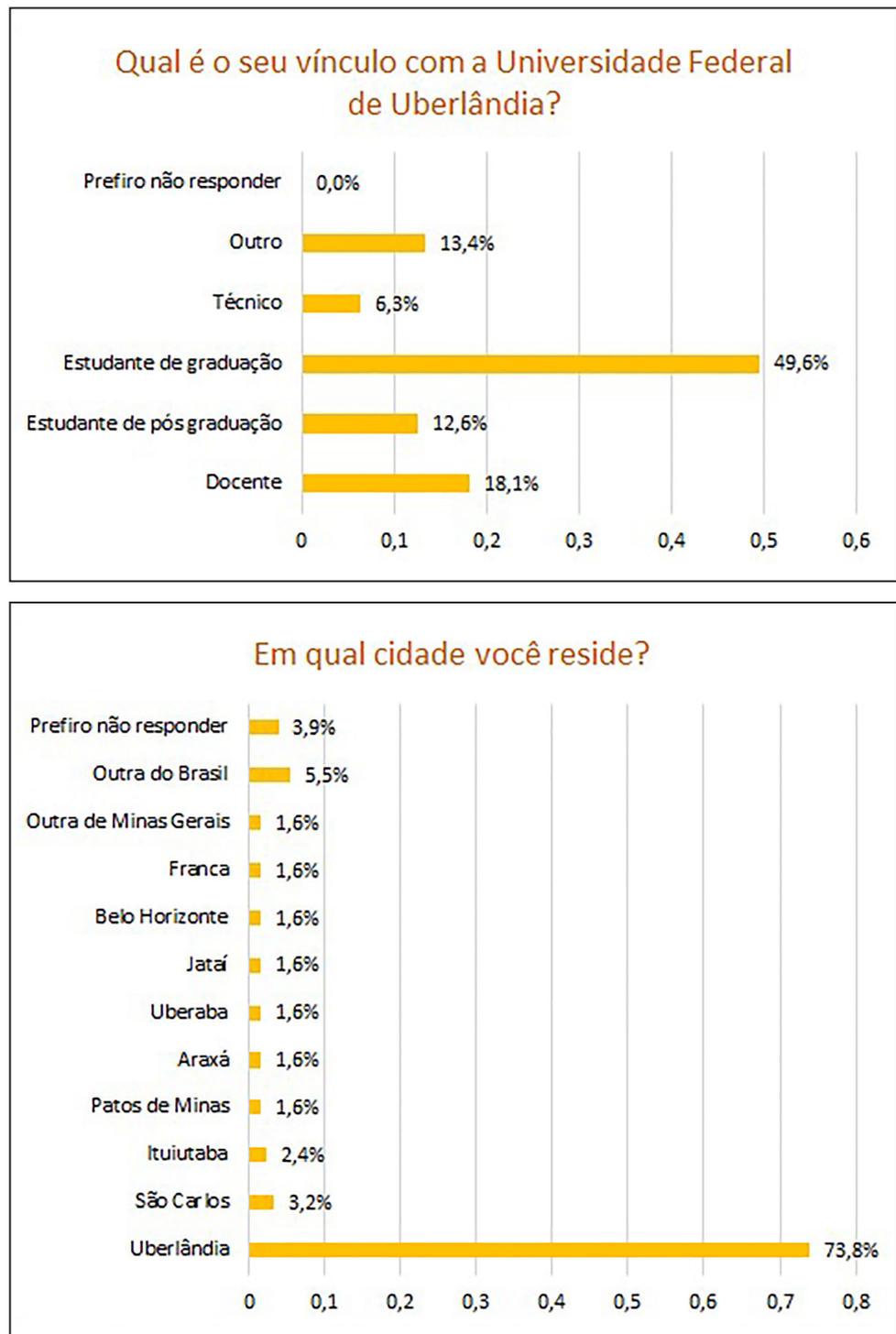
O questionário se dividiu em três etapas principais: a identificação do perfil social do entrevistado, das mudanças de hábitos dentro da residência e do uso do espaço urbano nesse momento de pandemia.

Em relação ao perfil social, a maior parte dos entrevistados eram estudantes de graduação (50%) e residiam em Uberlândia (77%) (*Figura 1*). Em relação à faixa etária houve grande variação, o que possibilitou a comparação com as demais respostas dos diversos grupos. Foi possível perceber, por exemplo, que as faixas etárias mais jovens sentiam mais falta de ir à bares, cinemas, festas e boates. Os jovens valorizam mais as atividades que permitem o convívio social e o contato com amigos. Já a faixa etária acima de 50 anos sentia mais falta dos locais abertos para lazer e atividades físicas, como quadras esportivas, parques e praças (*Figura 2*). Além disso, notou-se que os entrevistados acima de 50 anos sentiam mais falta de atividades culturais, como museus e teatro, e muitos apontaram que sentiam falta de caminhar nas ruas, especialmente no centro da cidade. Os entrevistados mais velhos também manifestaram sentir falta de locais religiosos, como igrejas e cultos.

Os espaços livres com áreas verdes – como praças, clubes e parques –, apareceram em 26,8% das respostas dos entrevistados, sendo elencados como os locais de que mais sentiam falta e ansiavam pela volta. Alex (2008, p. 23) afirma: “[...] a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como a sua participação contínua na vida da cidade”. Lynch (1997) também ressalta as praças como locais de encontro e convívio social que estão inseridos na cidade e relacionados às ruas, à arquitetura e às pessoas.

FIGURA 1 – Qual é o seu vínculo com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e em qual cidade você reside?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



Para além da função social de imensa importância que a praça desempenha, são reforçadas outras funções desse espaço livre:

Definidas como espaços abertos de uso comum, elas foram pontos de encontro pessoal, local de reuniões públicas, espaços para a realização de espetáculos, local para a execução de condenados à morte, espaços cívicos destinados a realização de discursos marcadamente políticos, espaços onde se colocavam as estátuas e os monumentos, espaços destinado ao lazer e à contemplação, etc. (LEITÃO, 2002, p. 21).

FIGURA 2 – Mapa Mental: Espaços urbanos que os entrevistados mais sentiram falta durante o isolamento social.

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



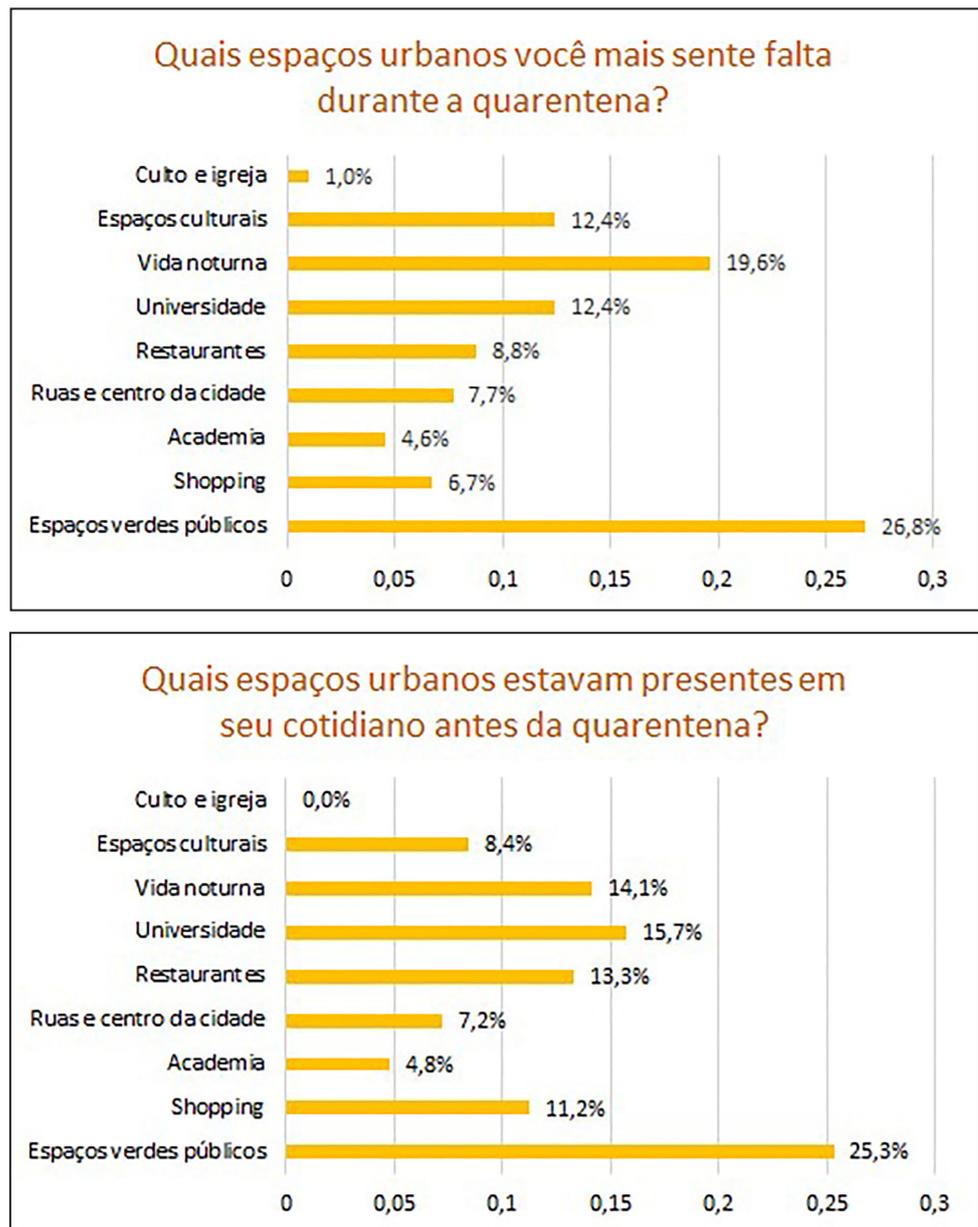
Apesar de algumas das funções citadas acima pela autora terem apenas valor histórico, elas demonstram a importância que o local tem para a cidade. Notadamente, os bairros que contêm praças são os locais onde ocorrem mais caminhadas e encontros ao ar livre, por ser um ambiente acessível e que traz a sensação de bem-estar ao frequentador, explicando, assim, a quantidade de entrevistados que alegaram sentir falta desses locais.

A própria universidade também foi alvo de destaque nas respostas à pergunta “De quais espaços urbanos você mais sente falta durante a quarentena?”, colocada como um dos principais locais (12,4%) que fazem falta no dia a dia (Figura 3). Isso em razão de ser um espaço que gera saudosismo entre a maior parte dos entrevistados, por estar temporariamente fechada. Como um espaço público que antes dava suporte para diversas atividades e manifestações sociais, culturais e políticas, além do encontro com colegas e amigos, essa necessidade se faz latente após o seu esvaziamento. Ou seja, a falta da universidade se dá não apenas pelo ambiente e estrutura física dela, mas também pela vida e interação coletiva que o local engloba.

Vale ressaltar que a grande maioria dos espaços públicos traz consigo a sensação de vitalidade para a cidade por serem locais que reúnem pessoas, promovem a interação e incentivam a expressão individual obtendo, como resultado disso, um ambiente em que as pessoas se sentem livres para ser quem são e que, portanto, faz falta quando ausente. Além disso, o veto da completa liberdade de ir e vir durante a pandemia traz a sensação de que não se tem opção e, portanto, torna a falta dos locais ainda mais significativa agora que são proibidos. “A possibilidade de escolha é tão importante quanto o exercício dela. Se você sabe que pode se mover se quiser, se sentirá mais confortável em ficar parado. [...] Os movimentos são funcionais, no entanto. Eles são uma declaração de autonomia, para si mesmo, e bastante satisfatória” (WHYTE, 1980, p. 34).

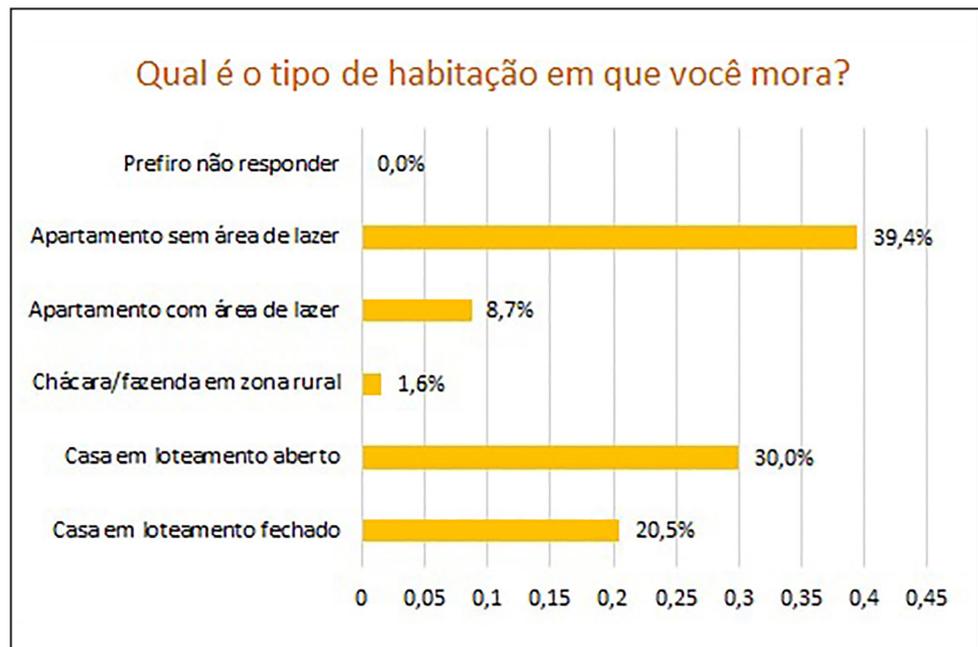
FIGURA 3 – Quais espaços urbanos você mais sente falta durante a quarentena e quais espaços urbanos estavam presentes em seu cotidiano antes da quarentena?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



Também é interessante analisar que metade dos entrevistados reside em apartamentos sem área de lazer (*Figura 4*) e nota-se que os espaços públicos abertos, como parques e praças, são apontados como locais bastante frequentados antes da pandemia (25,3%) para lazer ou prática de atividades físicas, destacando a sua carência. Além disso, na grande maioria das respostas as pessoas que residem em apartamentos sem área de lazer alegaram tomar menos sol e praticar menos atividades físicas durante a pandemia, demonstrando que a falta de uma área aberta e livre na residência configura um obstáculo adicional para a realização de atividades que proporcionam bem-estar durante este período.

Tendo em vista que a casa passou a ser o núcleo vital do cotidiano das pessoas durante o período de pandemia, diversas atividades antes feitas na rua foram adaptadas para serem realizadas dentro das residências, como,

FIGURA 4 – Qual é o tipo de habitação em que você mora?**Fonte:** Elaborada pelos autores (2020).

por exemplo, o trabalho e o estudo. Da mesma forma, outras atividades foram relembradas como uma opção de lazer e distração entre os moradores.

Presenciamos, hoje, uma subversão importante através da mudança radical da relação casa-cidade como definidora dos espaços-tempo onde se desenrola o cotidiano. Refiro-me aqui ao fato de que as atividades da vida cotidiana passam a se realizar dentro da casa e não mais a partir da casa como o nó que liga e de onde se criam e se direcionam os fluxos cotidianos (CARLOS, 2020, p. 12).

Entre os principais hábitos que se destacaram entre as novas formas de lazer, percebe-se que os entrevistados estão usando boa parte de seu tempo livre para assistir filmes e séries e para navegar pela internet. Outros hábitos citados foram a leitura e o contato com a música, como mostrado no mapa mental (Figura 5). Pelo lado positivo, pode-se perceber que a pandemia e o isolamento social trouxeram à tona atividades artísticas e hobbies que funcionam como exercícios relaxantes, que trazem benefícios e bem-estar aos indivíduos e que antes não eram praticados por falta de tempo. Seja para o contraponto dessa vivência por meio de telas ou pelo surgimento dessa necessidade mediante a realidade que se apresenta, as atividades ao ar livre também surgiram frequentemente nas respostas como fontes de lazer e hábitos que se concretizaram na vida das pessoas a partir do “novo normal” imposto pela pandemia.

Em relação ao trabalho, diversos profissionais estão se adaptando à nova realidade. O trabalho remoto ou *home office* passou a ser a principal opção e a residência, que antes era um local destinado ao descanso e lazer, se transformou em ambiente de trabalho.

FIGURA 5 – Mapa Mental: Principais fontes de lazer durante o período de pandemia.

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



A casa, que era invadida de cima para baixo pelo tempo produtivo, tornou-se ela própria o lugar desta produção (CARLOS, 2020, p. 12).

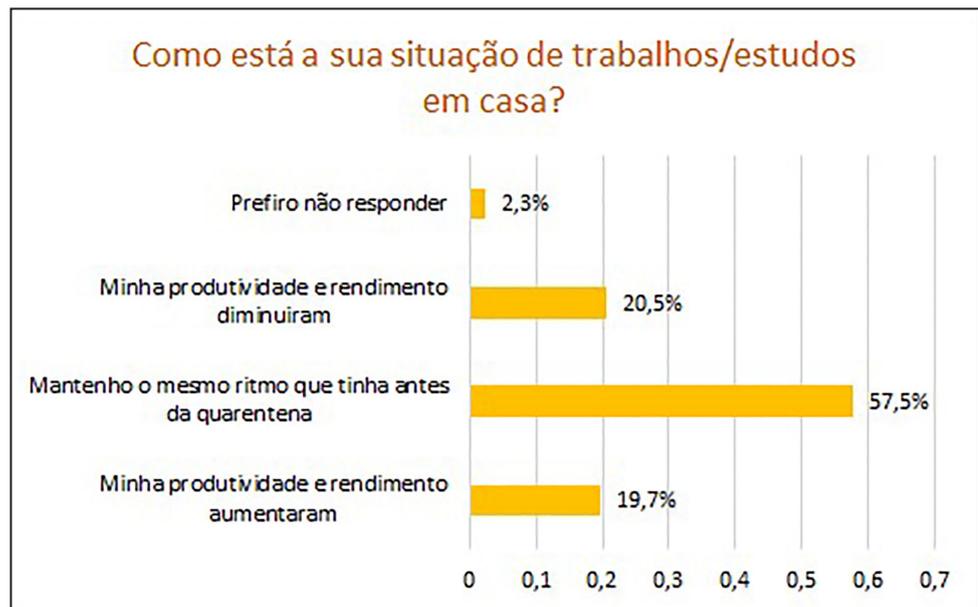
O espaço doméstico é, hoje, cada vez mais o ateliê onde o habitante vai transformando todos os momentos da vida privada em ‘trabalho em ação’. O home office subverteu a lógica e o uso do espaço privado da família, que se torna um espaço produtivo do capital subordinando o tempo familiar (CARLOS, 2020, p. 12).

Com isso, foi possível notar a crescente falta do contato humano, a alteração nos horários de trabalho e no rendimento. Em razão do horário de trabalho ter se diluído no cotidiano, tornando confusa a diferenciação com os horários ociosos por ocorrerem no mesmo espaço, 58% dos respondentes afirmam que sua produtividade e rendimento diminuiriam (Figura 6). Mesmo assim, esse novo estilo de trabalho que se fundiu a um novo estilo de vida garante algumas conveniências como o tempo reduzido no trânsito, o conforto do lar e a desburocratização de alguns processos como reuniões e formalidades desnecessárias. Sendo assim, o *home office* foi uma das atividades citadas pelos respondentes ao serem perguntados quais novos hábitos deveriam se perpetuar após a pandemia. Além dessas, outras atividades foram mencionadas, como, por exemplo, as compras e serviços *online*, e também práticas e hábitos que foram sendo adquiridos ao longo desse processo, entre eles, cozinhar em casa, se alimentar de maneira mais saudável e a descoberta de novos *hobbies*, como a jardinagem (Figura 7).

No que se refere à preocupação com a covid-19, 67,7% dos entrevistados alegou achar a situação da crise grave (Figura 8). Da mesma forma, quando questionados sobre a necessidade do isolamento social, todas as respostas ficaram entre manter o isolamento social total (53,5%) e mantê-lo de forma

FIGURA 6 – Como está a sua situação de trabalhos/estudos em casa?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



flexível (46,5%) (Figura 8), realizando apenas algumas atividades. Nenhuma resposta alegou que o isolamento não era necessário. Em relação aos hábitos de higiene e cuidado pessoal recomendados pela OMS, como o uso de álcool em gel, limpeza de produtos externos ao chegar em casa, uso de máscaras, entre outros, grande parte dos entrevistados aderiu a essas práticas e 84% deles afirmaram que elas deverão se manter após o período de pandemia). Sendo assim, pode-se esperar que esse momento traga mudanças futuras permanentes no cotidiano da população.

FIGURA 7 – Mapa mental: Atividades feitas em casa que deveriam permanecer neste modelo após a pandemia.

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

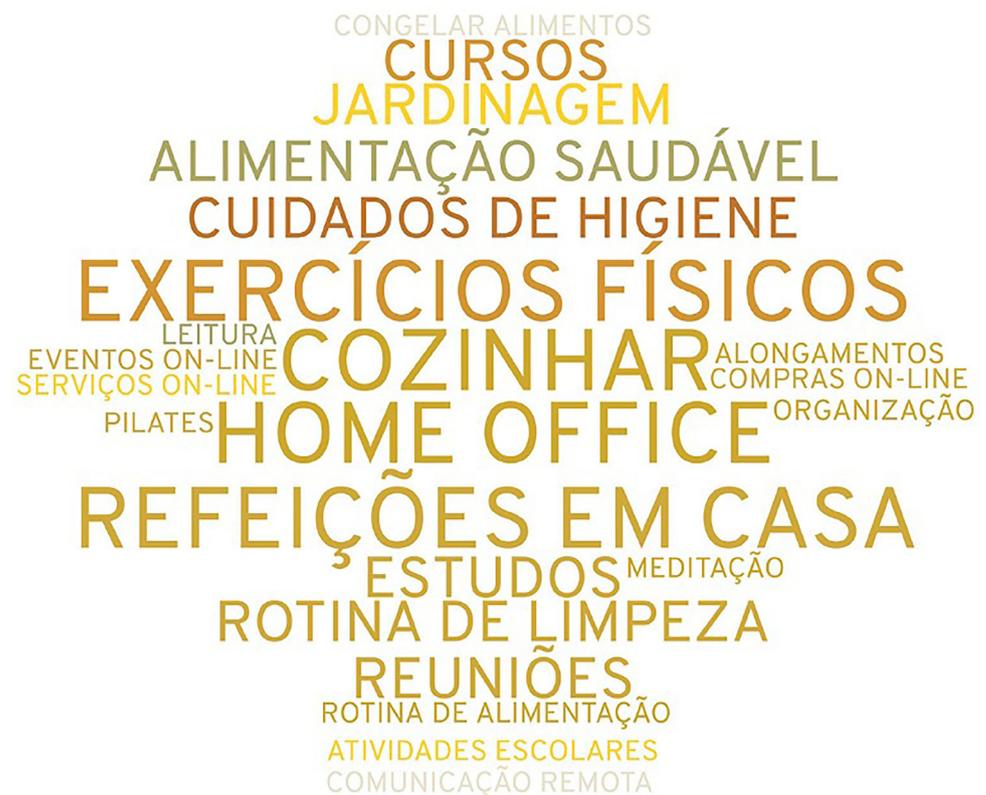
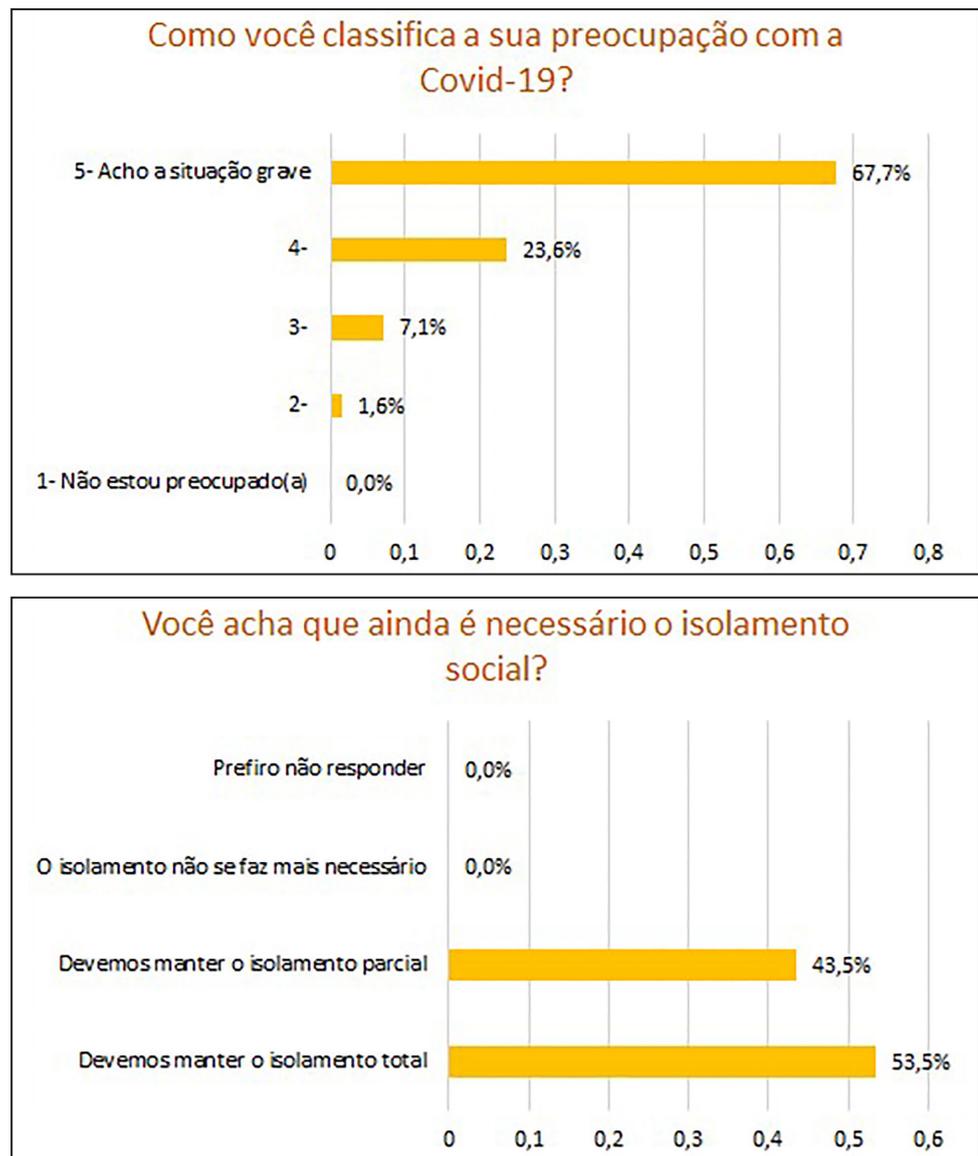


FIGURA 8 – Como você classifica a sua preocupação com a Covid-19 e você acha que ainda é necessário o isolamento social?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



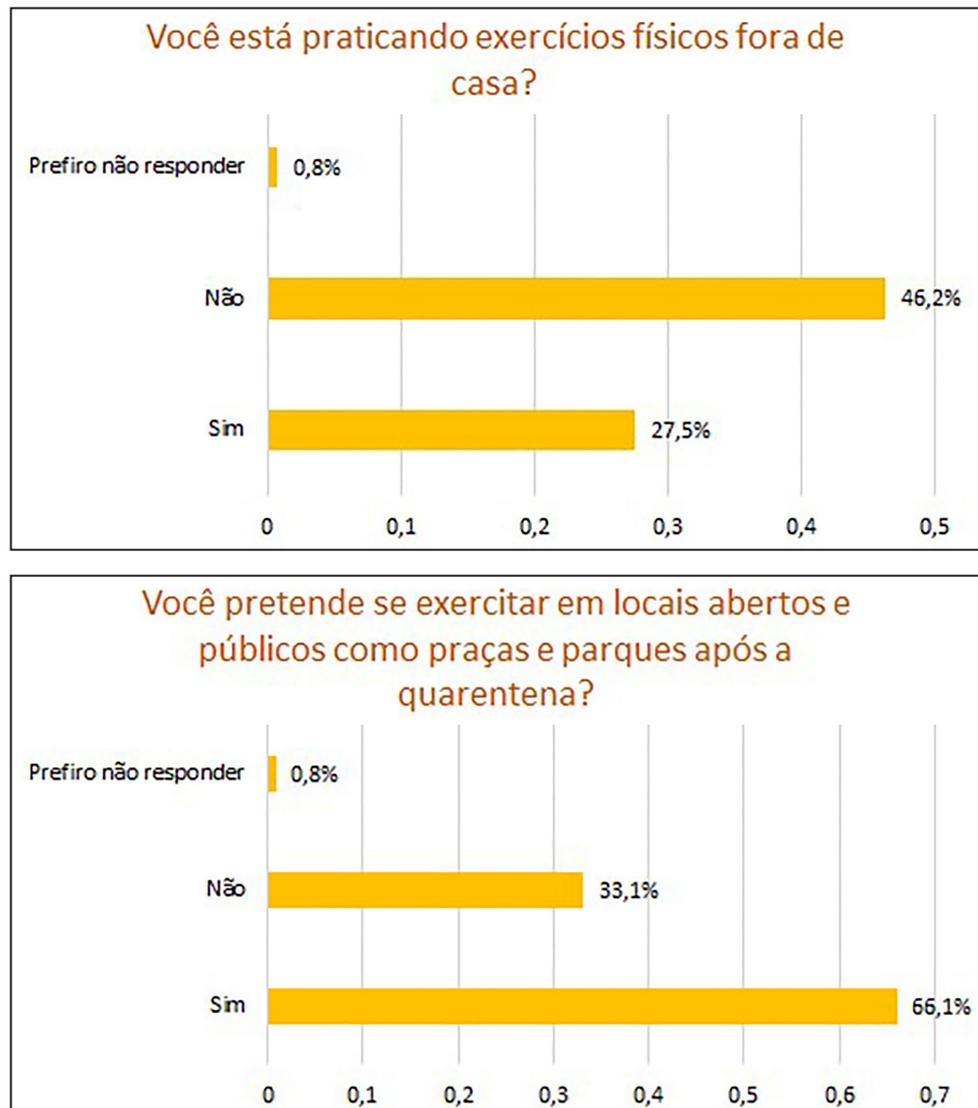
A prática de hábitos mais saudáveis também foi colocada pelos entrevistados, auxiliando na análise da cidade durante esse período, visto que é um tema que se sobressai em tempos de epidemias e pandemias. Diante de diversos dados que alegam hábitos não saudáveis da população, desigualdade de recursos e a situação ambiental em que a cidade se encontra atualmente, faz-se clara a necessidade de buscar uma melhora no ambiente urbano, permitindo locais mais identitários, com foco na comunidade, na congregação de pessoas no espaço público e com boa habitabilidade e mobilidade urbana.

Os entrevistados revelaram hábitos que consistem no reflexo de uma cidade que não promove a saúde e bem-estar de seus habitantes. Dentre eles, a falta de locais abertos e amplos para realizar atividades físicas em todos os bairros, um fator que tem consequência direta na saúde da população que, por não ver um ambiente acessível e prático para realizar exercícios, acaba caindo no sedentarismo e em hábitos pouco saudáveis de alimentação. Apenas 35% dos respondentes afirmaram que estão realizando atividades físicas fora de

casa durante a pandemia (Figura 9), porém 66% dos entrevistados expressam esse desejo de uso dos espaços abertos e públicos como praças e parques para essas práticas após o término do isolamento social (Figura 9). A pandemia, portanto, trouxe uma maior valorização desses espaços livres, principalmente voltados para o cuidado com o corpo, o que pode ser um incentivo à busca por cidades cada vez mais saudáveis.

FIGURA 9 – Você está praticando exercícios físicos fora de casa e você pretende se exercitar em locais abertos e públicos como praças e parques após a quarentena?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



Grande parte dos automóveis que circulam pelas ruas, assim como a baixa qualidade dos transportes públicos, também refletem a falta de iniciativas para uma cidade saudável. “Hoje, percebe-se um rápido crescimento dos problemas de saúde pública porque grandes segmentos da população, em vários lugares do mundo, tornaram-se sedentários, uma vez que os carros fazem todo o transporte porta a porta” (GEHL, 2011, p. 7)

O questionário revelou o aumento de 21% do uso do carro, assim como a diminuição de 9% do uso de transporte público após o início da pandemia na cidade de Uberlândia. Quanto aos outros aspectos que se alteraram na

cidade devido à pandemia, percebe-se o esvaziamento dos espaços públicos, principalmente em relação à redução do fluxo diário e da aglomeração. É uma questão marcante e visível da cidade nesse período, sentida por diversas pessoas. As respostas demonstram a redução do barulho nas ruas, a calmaria do tráfego e o distanciamento. Entretanto, muitas respostas apontam o aumento do número de pessoas usando o espaço público quando se trata da prática de atividades físicas ao ar livre, como ciclismo e caminhada.

Segundo Jacobs (2000, p. 31), “Manter a segurança da cidade é uma função fundamental das ruas e das calçadas”. A autora reforça o papel da rua como agente de segurança e delimitador entre público/privado, realçando a importância de ter fluxo de pedestres nas ruas, edifícios que têm visão para as calçadas, bairros com uso misto, entre outros aspectos. É de grande importância essa reflexão, tendo em vista que a rua foi citada diversas vezes pelos entrevistados como um local que faz imensa falta para caminhar, interagir e encontrar com conhecidos. Também foi destacada a sensação de insegurança que se instaura quando a rua está vazia. As ruas e calçadas podem ser vistas como um reflexo da cidade, tendo em vista que ela espelha a vitalidade das casas que a rodeiam e, de certa forma, de todo o cenário urbano.

Assim como ocorreu com a rua, diversos espaços públicos passaram a ter sua importância aumentada com o início da pandemia. O ritmo do cotidiano é um empecilho para que a sociedade valorize os pequenos espaços que fazem parte do dia a dia dos indivíduos e dos quais são dependentes diretamente. Somente quando são o único elo possível com o meio exterior é que esses pequenos espaços passam a ter realmente um grande valor para a população. Em virtude disso, percebe-se claramente pelas nuvens de palavras e respostas dos entrevistados que locais como supermercados, farmácias e o trabalho são os que mantêm uma relação entre os cidadãos isolados e a cidade e, portanto, passam a ter grande importância para a sobrevivência básica e saúde mental das pessoas.

Sendo assim, percebe-se que a cidade, referenciando ao espaço urbano coletivo, faz falta, sim, à população. 87% dos entrevistados afirmam que valorizarão mais o espaço urbano após o período de isolamento social (Figura 10).

FIGURA 10 – Você acha que irá valorizar mais o espaço urbano após o período de isolamento social?

Fonte: Elaborada pelos autores (2020).



O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A popularização dos *smartphones* e o acesso à tecnologia já vinha mudando a forma como as pessoas se relacionam e se comunicam, fator que se intensificou na situação atual. Muitos defendem que sem a tecnologia seria muito mais difícil passar por este período de isolamento social. Outros argumentam que esses dispositivos contribuíram para o agravamento da crise social e a evidência do distanciamento. No artigo "*Social media during a pandemic: bridge or burden?*", publicado pelo *SP Medical Journal*, Shiozawa e Uchida (2020) relatam a importância das mídias sociais durante a pandemia para a rápida circulação de informações, além de se comportarem como uma ponte que aproxima as pessoas incapacitadas de se verem fisicamente. Esses aspectos indicam que essas tecnologias se tornam cruciais para o enfrentamento dessa crise. Por outro lado, os autores também apontam a redução das interações face-a-face, a dos vínculos familiares e a distorção perceptiva da realidade e da autoconsciência, o que acaba agravando diversos problemas psicológicos e sintomas depressivos. Segundo os autores, as mídias sociais refletem uma visão deturpada da realidade, o que faz com que os seus usuários percebam a vida exterior de uma forma mais alegre do que as suas próprias vidas. Paradoxalmente, à medida que as redes sociais aproximam e conectam pessoas apartadas, elas exacerbam o sentimento de solidão. De todo modo, verifica-se que entre todas as faixas etárias as novas formas de lazer assumem o caráter digital. As pessoas, mais do que nunca, se submetem às telas em seus momentos ociosos, seja para o contato social ou para o entretenimento por meio de filmes e séries.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou retratar um momento, um contexto nunca experimentado por esta geração, de enfrentamento de uma pandemia e de rupturas em relação ao convívio social e uso do espaço urbano. Só o tempo dirá se alguma lição será tirada desse momento, mas ser obrigado, seja forçadamente ou conscientemente, a permanecer mais tempo em casa e a alterar o modo de se relacionar com os espaços urbanos trouxe diferentes percepções de como os espaços públicos e pequenas "aglomerações" são essenciais para a vida das pessoas. O ambiente residencial se transformou em local onde são realizadas praticamente todas as atividades que antes estavam distribuídas por diferentes espaços da cidade. A casa virou o local de trabalho, de descanso, de lazer, de exercício, de produção e de conflitos que antes passavam pelo espaço urbano.

Mesmo pesquisando uma parcela de um espectro da sociedade, a pesquisa revelou três pontos importantes em relação à falta que a cidade faz e à pandemia. A primeira diz respeito à valorização dos espaços públicos e áreas verdes. A maioria dos entrevistados apontou que esses espaços terão nova visibilidade durante e no pós-pandemia. As recomendações para que sejam

evitados locais fechados, onde há maior risco de contágio, faz com que as áreas abertas, com maior circulação de ar, e que permitem manter um distanciamento social seguro, tenham maior possibilidade de serem apropriadas pela população. Essa afirmação é reforçada pela intenção manifestada pelos pesquisados de intensificar a realização de atividades em ambientes urbanos.

Estar em ambientes de convívio e de lazer também se revelou uma necessidade dos entrevistados, principalmente as atividades realizadas ao ar livre. Os bares, restaurantes, espaços de compras e clubes foram destacados como espaços urbanos que fazem falta durante o período de maior reclusão. Esses espaços respondem à normalidade perdida pela pandemia. É possível constatar a veracidade dessa afirmação quando se analisa o período de relaxamento e acomodação da pandemia em 2020, quando bares, restaurantes, clubes e praças de alimentação voltaram a ser frequentados por parte da população que, mesmo sabendo que os locais representavam certo risco de contágio, se arriscaram em busca de uma vida quase “normal”. Em muitas cidades, bares e restaurantes foram obrigados a se adaptar para áreas externas, mais abertas e ventiladas.

O último ponto destacado é a previsão de mudança de hábitos durante e no pós-pandemia. Tarefas antes simples agora exigem planejamento e precaução e estão moldando o cotidiano das pessoas. O convívio social foi substituído por uma vida por trás das telas; compras *online* substituíram idas a lojas, novos hábitos caseiros surgiram e se destacaram. A pandemia quebrou paradigmas, alterou a forma como as pessoas se relacionam com os espaços e com outras pessoas. Em tempos em que a OMS recomenda o isolamento social, a cidade passou a se constituir como um espaço a ser explorado novamente, a ser redescoberto, com muitas incertezas, medos e angústias. As pessoas sentem falta da cidade por se lembrarem de que a vida é repleta de incertezas e desafios, conflitos e diferenças. O distanciamento social provou que o contato proporcionado pelos espaços urbanos é essencial para a sobrevivência da sociedade urbana contemporânea.

A pesquisa com a comunidade acadêmica da UFU mostrou que a perda do principal espaço de sociabilidade, o espaço universitário, foi uma ruptura sem precedentes, mas que se renovou tecnologicamente, se adaptando a essa nova realidade. A pesquisa demonstrou como é necessário o espaço do debate, onde as diferenças existentes na sociedade são essenciais para que as pessoas se reconheçam diante dela. A cidade faz e fará falta sempre, durante e após esta pandemia. Compreender que essa relação é saudável para o futuro das sociedades pode ser um caminho a ser trilhado por todos os agentes que pensam e produzem o espaço urbano, criando cada vez mais espaços públicos qualificados, possibilitando novas convergências e transformando-os em espaços mais seguros e responsáveis pela qualidade de vida da população.

NOTA

1. Artigo elaborado a partir de investigação realizada por alunos de Iniciação Científica e orientada por G. P. COCOZZA, intitulada "A falta que a cidade faz: análise de quais espaços urbanos sentimos falta durante a quarentena". Universidade Federal de Uberlândia, 2020.

REFERÊNCIAS

- ALEX, S. *Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Editora Senac, 2008
- ARANGO, S.; SALMONA, R. *La arquitectura en la Ciudad*. In: TOVAR, C. A. T. *La ciudad: habitat de diversidad y complejidad*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2000. p. 150-165.
- CARLOS, A. F. A. "Revolução" no cotidiano invadido pela pandemia. In: CARLOS, A. F. A. (coord.). *Covid-19 e a crise urbana*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 10-17. Disponível em: http://geografia.ffiich.usp.br/sites/geografia.ffiich.usp.br/files/Covid_19_e_a_Crise_Urbana_v7.pdf#page=10. Acesso em: 26 out. 2020.
- CARR, S. et al. *Public Space*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1992.
- GEHL, J. *Life between buildings: using public space*. Washington, DC: Island Press, 2011.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.
- LEITÃO, L. *As praças que a gente tem, as praças que a gente quer: manual de procedimentos para intervenção em praças*. Recife: Editora Prefeitura de Recife, 2002.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SHIOZAWA, P.; UCHIDA, R. R. *Social media during a pandemic: bridge or burden?* São Paulo: FCMSCSP, 2020.
- SIMONI, C. A Covid-19 e o direito à cidade dos pobres no Brasil. In: CARLOS, A. F. A. (coord.). *Covid-19 e a crise urbana*. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 25-34. Disponível em: http://geografia.ffiich.usp.br/sites/geografia.ffiich.usp.br/files/Covid_19_e_a_Crise_Urbana_v7.pdf#page=10. Acesso em: 26 out. 2020.
- WHYTE, W. H. *The social life of small urban spaces*. [S.l.]: Project for Public Spaces Inc, 1980.

ANNA LAURA BITTENCOURT TALARICO

 <http://orcid.org/0000-0002-0069-7288> | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Curso de Arquitetura e Urbanismo | Uberlândia, MG, Brasil

GIOVANNA RODRIGUES MESSIAS

 <http://orcid.org/0000-0001-8999-7246> | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Curso de Arquitetura e Urbanismo | Uberlândia, MG, Brasil

GLAUCO DE PAULA COCOZZA

 <http://orcid.org/0000-0001-5275-1357> | Universidade Federal de Uberlândia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo | Av. João Naves de Ávila, 2121, Bairro Santa Mônica, 38400-902, Campus Santa Mônica | Uberlândia, MG, Brasil | Correspondência para/Correspondence to: G. Cocozza | E-mail: glaucococozza@yahoo.com.br

COLABORADORES

A. L. TALARICO e G. R. MESSIAS contribuíram para a elaboração do questionário, gráficos e imagens, e na redação, pesquisa, análise e interpretação dos dados. G. P. COCOZZA colaborou na elaboração do questionário, redação, interpretação dos dados, revisão, referências conceituais e metodológicas, e na aprovação da versão final do artigo.

RECEBIDO EM

2/11/2020

REAPRESENTADO EM

15/3/2021

APROVADO EM

30/6/2021

COMO CITAR ESTE ARTIGO/HOW TO CITE THIS ARTICLE

TALARICO, A. L. B.; MESSIAS, G. R.; COCOZZA, G. P. A falta que a cidade faz: análise de quais espaços urbanos sentimos falta durante a quarentena. *Oculum Ensaios*, v. 18, e215139, 2021. <https://doi.org/10.24220/2318-0919v18e2021a5139>